

Cartas para um jovem pesquisador: para entender Carmen Migueles

Letters to a young searching: understanding Carmen Migueles

Daniel Rodriguez de Carvalho Pinheiro¹

1 O encontro



Foi num desses acasos da vida que conheci a professora Carmen Pires Migueles. Foi um encontro muito interessante, no que pese aquilo que nos distingue, nossos mundos de vida. Encontrei, no trabalho dela, respostas a algumas das minhas perguntas. Num livro em especial deparei-me com o que dizer a um jovem

estudante que quer começar uma pesquisa?

Essa pode até parecer uma questão sem sentido fora do Brasil, mas não aqui.

No Brasil, não se sabe com clareza qual a missão da universidade. O que distingue as universidades das faculdades isoladas ou reunidas.

Algures, se estabeleceu que as universidades formariam as elites de um povo. No Brasil, os jornais substituíram a palavra povo por população. População é uma categoria da estatística e não um conceito das ciências humanas. O pior, estou repetindo uma crítica a falta de cultura científica que foi publicada a primeira vez em 1857.

Por aí, as escolas politécnicas formariam a força de trabalho com qualificação superior.

Nas universidades, se pesquisa, ensina, pensa e aprende.

Nas escolas, o ensino é instrucional.

As universidades, o ensino é formacional e epistemologicamente fundamentado. As universidades formam a elite pensante cuja tarefa é dar resposta científicas aos problemas humanos.

O docente das escolas propedêuticas é *teacher*. Na universidade, usa-se a palavra latina “*professor*” em inglês, francês e alemão, por exemplo. Portanto, há muitas diferenças entre o ensino instrucional e a formação da massa crítica pensante de um povo.

Que importância tem isso?

Muita. Primeiro, a professora Carmen Migueles morou 13 anos no Japão, tendo feito doutorado na Universidade de Sôfia, em Tóquio. É profesora visitante do departamento de gestão internacional da Universidade Otto-von-Guericke, em Madgdeburg. Foi coordenadora de núcleo de pesquisa. É consultora empresarial e Secretária de Cultura, entre outras coisas. Ela tem uma percepção de universidade e de pesquisa muito rica.

2 O livro

Pesquisa: por que administradores precisam entender disto? Editado pela gaúcha Nova Harmonia, trata-se um conjunto de diálogos. Talvez sejam melhor descritos como missivas, entre uma professora e os alunos dela.

As cartas poderiam ser divididas em quatro conjuntos:

- I) por onde começar uma pesquisa;
- II) a produção conhecimento;
- III) os métodos;
- IV) as técnicas de pesquisa.

E no final, um bilhete com algumas recomendações importantes seria o quarto mosqueteiro.

Um jovem pesquisador talvez não percebesse, provavelmente por falta de cultura filosófica, que se tratam de textos de diferente natureza: Epistemologia,

¹ Daniel R. de C. Pinheiro é arquiteto e doutor em sociologia. Professor na Unifor. Mailto: daniel@unifor.br.

no início; Metodologia, a ciência do método, vem em seguida; técnicas de procedimentos de pesquisa ou como dizem os epistemólogos: MTP (Métodos e Técnicas de Pesquisa).

Esse vôo de pássaro sobre a produção social do conhecimento, como em qualquer obra humana, tem limites. Mas as paisagens feitas de sintaxes precisas ou alegorias apropriadas valem a pena ser lidas.

3 A crítica

A palavra crítica vem diretamente do grego *kritiké*, do feminino de *kritikós* e tende, em português, a ter dois principais significados:

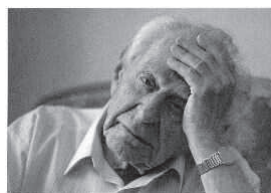
- a) apreciação minuciosa; julgamento. Nesse sentido, é mais comumente encontrado na Filosofia.
- b) ato de criticar, de censurar; censura, condenação. Sentido mais comum entre os herdeiros da esquerda mal-humorada e das personalidades pueris que só percebem defeitos em tudo.

No sentido mais filosófico, mais apropriado a posição teórico-doutrinária do livro da Carmen Pires Migueles, se teria que dizer: trata-se de um opúsculo leve, agradável, desburocratizado. Em nada lembra os trabalhos normativos do tipo Manual de Monografia que traz “dicas” – que palavra infeliz! – e normas de referênciação.

Se o leitor desejar orientações precisas, desafios curiosos, conversa leve como uma boa *Corisco*² gelado servido em copo-de-terça, vai encontrar tudo isso nesse livro e mais uma boa companhia.

4 O texto

Pesquisa: por que administradores precisam entender disto? É uma introdução à natureza do trabalho intelectual, uma rápida introdução à lógica da pesquisa científica aplicada à administração, para alguém que não pretende ser pesquisador ou apenas que contratar um pesquisador (MIGUELES, 2003, p.11).



Isso fica bem evidente nas indicações de leitura. Não se encontra nessas indicações autores que certamente a Carmen Pires Migueles leu para preparar as próprias aulas, o livro e as próprias pesquisas, mas que são muito difíceis como Karl Raimond Popper (1902-1994) e as complicadas discussões sobre o sistema hipotético-dedutivo, derivações da física teórica que ele reinventou.

Nem também se inclui entre as indicações o volumoso trabalho de hermenêutica geral, Verdade e Método, de Hans-Georg Gadamer (1900-2002), publicados e editado no Brasil pela Vozes. Afinal, a teoria da produção do sentido ou o conceito de horizonte ou mundo vivido estão presentes no texto da Carmen Migueles, mas não como problema para quem é não pesquisador por profissão.

As tese de Gadamer aparecem claramente nos capítulos sobre os erros na escolha do método.

Em vez das referências clássicas dos contemporâneos da metodologia da pesquisa em ciências sociais aplicadas, Carmen Migueles indica autores brasileiros de fácil leitura e fácil acesso como Roberto Richardson e Hilton Japiassu ou o italiano Umberto Eco (p.155-156).

Na primeira carta de Migueles aos jovens pesquisadores, ela alinha pelo menos cinco razões para um administrador de empresa entender de administração:

- a) a competitividade no trabalho e nas organizações;
- b) a complexidade da sociedade comercial e da vida social;
- c) as ferramentas de apoio à tomada de decisão (a pesquisa é uma dessas ferramentas);
- d) a necessidade de fazer análises de mercado

² Corisco é uma belíssima aguardente de cana fabricada na Fazenda São José, em Parati, no estado do Rio de Janeiro que encontrei facilmente em Porto Alegre.

e de conjuntura mais empírico analítica e menos estética ou afetiva

- e) e a convicção de que as oportunidades vêm da capacidade de dar solução aos problemas postos pela comunidade. (p. 17-19).

Quem já fez uma pesquisa sabe que este é um trabalho duro e cheio de elos perdidos. É difícil começar. E mais difícil ainda terminar.

Para os mais experientes ou os iniciantes, o capítulo *Por onde começar* porta um sábio conselho: comece lendo, tenha um método e objetivos de leitura.

Esse trecho da obra é pictórico. Ao lê-lo, sinto vontade de ilustrar muitas passagens, principalmente aquelas de inspiração socrática.

Ao tratar da dimensão propriamente humana do conhecimento, aparece uma questão fundamental para uma organização que investe em pesquisa ou um pesquisador. O conhecimento tem limites de dinheiro, tecnologias, interesses e teoria. Isso fica bem claro numa imagem kantiana sobre o papel da teoria. “Teorias são lanternas porque iluminam aspectos do real onde antes não se enxergava nada”. (p. 39).

A discussão sobre o valor das mercadorias a partir de Karl Marx ilustra um dos principais juízos do livro: o homem é um ser circunscrito no tempo social, basicamente incapaz de perceber as causas do próprio sofrimento (p. 45).

Ler sem objetivo e sem método deve ser um sofrimento, um castigo que se aplica aos que não têm projetos de vida ou de felicidade. Note o que ela escreve. “Falar no abstrato é fácil. A questão que se coloca para a maioria dos gestores não é o que fazer, mas como fazer”. (p. 27). Como fazer é método, procedimento, protocolo. O que fazer é objetivo, meta, estratégia.

Uma boa razão para ler Carmen Pires Migueles é o capítulo 13, *Sobre o erro na escolha do método e outros erros*. Trata-se de um dos capítulos mais longo de todo o livro. São 14 páginas. O mais longo é o capítulo sete com 17 páginas. Digo que é longo, por que me pareceu que a obra foi escrita para ser lida numa semana, sem muito esforço daquele que deseja apenas conhecer o texto todo.

A análise dos dois casos descritos no Capítulo 13, Migueles chama atenção para o erro a partir de duas idéias-chave: dados torturados e controle [possível] da subjetividade, sem prejuízos de outros elementos do horizonte de sentido.

Sobre o erro na escolha dos métodos e outros erros é um capítulo curiosamente instigante. No primeiro caso, a pesquisa sobre compras pela internet, tem-se a impressão de que as hipóteses do pesquisador-caso estão corretas. Mas até mesmo dados como 28% das compras no supermercado são feitas por impulso, depois de uma breve crítica antropológica, eles desabam.

O caso dois do Capítulo 13, *Quando a intuição engana*, não apela para conceitos da estatística como correlação. O caso narra um evento sobre pirataria organizado pela própria Carmen Migueles.

A tese era que os compradores de produtos como *compact disk* (CD) piratas eram pessoas que não teriam dinheiro para comprar um produto original.

Ancora-se noutros conhecimentos, especialmente numa enquête, novas três hipóteses foram construídas. Sugeriam que o senso comum, a intuição estava enganada.

Pareceu-me que a Carmen Migueles tentou mostrar, como esse caso, que a Sociologia e Antropologia, como outras ciências sociais, não são saberes responsáveis ou mera questão de bom senso. Ao contrário, são saberes teóricos, metódicos e sistêmicos como qualquer outra ciência, construídos para resistir à crítica empírico-analítica.

Referência:

MIGUELES, Carmen Pires. *Pesquisa: por que administradores precisam entender disto?* São Leopoldo: Nova Harmonia, 2003. 152 p.

Data do Aceite: 2003